

INFÂNCIA, ARTE E PRODUÇÃO CULTURAL

Kátia Patrício Benevides Campos, Maria das Graças Oliveira e Crislaine Boito
(organizadoras)



zmulti
editores

Infância, arte e produção cultural

Organização: Kátia Patrício Benevides Campos,
Maria das Graças Oliveira e Crisliane Boito

Coordenação editorial: Sandra Hess

Diagramação: Cleber Zanovello Dariva

Capa: Cleber Zanovello Dariva sobre imagem Pixabay.com

Revisão gramatical: Flávio Adolfo Tietze

Impressão: Maxi Gráfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

I43 Infância, arte e produção cultural / Organização: Kátia Patrício Benevides Campos, Maria das Graças Oliveira, Crisliane Boito. – Estância Velha: Z Multi Editora, 2021.
194 p.: il.; 16x23cm. (16MB ; PDF)
ISBN 978-65-87449-38-8
Capítulos produzidos V Seminário Nacional de Educação Infantil
1. Educação Infantil. 2. Infância. 3. Arte. 4. Produção cultural. I. Título. II. Campos, Kátia Patrício Benevides. III. Oliveira, Maria das Graças. IV. Boito, Crisliane.

CDU 372

Bibliotecária responsável: Maria do Carmo Mitchell Neis – CRB 10/1309



Realização:



Apoio:



www.zmultieditora.com.br | zmultieditora

51 99961.4410 | contato@zmultieditora.com.br



Educação audiovisual na infância: percursos criativo-pedagógicos entre escola e comunidade

Ana Bárbara Ramos

Felipe Leal Barquete

Resumo

Nesse artigo, propomo-nos a apresentar uma perspectiva sobre a Educação Audiovisual a partir das experiências da Semente – Escola de Educação Audiovisual, em escolas e comunidades da Paraíba. Ao problematizarmos o modo como a linguagem audiovisual é usualmente posicionada nas

práticas educativas em sala de aula – um recurso ilustrativo do saber relacionado ao livro didático e mobilizado no modelo da transmissão do conhecimento –, apresentamos uma abordagem que a mobilize enquanto uma potência de criação inscrita no âmbito das metodologias ativas vinculadas a uma concepção de educação transformadora, com o objetivo de fazer germinar comunidades de aprendizagem vinculadas ao território educativo. Desse modo, faz-se necessário refletir de forma mais aprofundada sobre a singularidade da linguagem audiovisual e dos processos de criação de imagens e sons, a relação pedagógica que ela estabelece com as práticas em sala de aula e na comunidade, bem como as aproximações metodológicas que potencializam tais práticas.

Abertura

“Isso veio para ficar”. Nos corredores das escolas, ou nas salas do *Zoom*, é comum escutarmos essa frase das professoras, afirmando a hipótese de que a presença da tecnologia audiovisual na escola é um caminho sem volta. Muitas instituições e redes de ensino já consideram assumir o modelo híbrido como um modo de operação permanente, daqui pra frente. Ao mesmo tempo, encontramos-nos diante do risco de um retrocesso educacional de décadas forjado pela combinação entre o inevitável fechamento das escolas, a falta de acesso aos recursos tecnológicos pelos educandos e a ampliação da evasão escolar. Estamos em 2021 em plena pandemia da Covid-19, e a educação brasileira está em crise.

As limitações impostas pela pandemia forçaram uma convergência digital desigual e dramática na educação, de modo que as telas traçaram uma linha de corte separando quem teve acesso ao ensino remoto e quem ficou de fora, limitando-se muitas vezes a um processo quase autoinstrucional de aprendizagem com os materiais impressos enviados pela escola. Em meio à impossibilidade de interagir presencialmente, esse aspecto constituinte da educação – o encontro – ganhou centralidade, e antes mesmo de nos preocuparmos com a qualidade da aprendizagem das crianças, buscamos consolidar modos de nos conectar com elas, modos de sustentar o vínculo afetivo, e de possibilitar que elas constituíssem, mesmo que precariamente, um experiência de escola para si. Além disso, o corpo docente da maioria das escolas não estava preparado metodologicamente para lidar com a dimensão pedagógica da linguagem audiovisual. Esse quadro estimulou a migração da dinâmica tradicional das aulas expositivas para as videoaulas, configurando experiências de aprendizagem muitas vezes frustrantes e desestimulantes para todos os envolvidos.

Por outro lado, os problemas da pandemia fortaleceram a articulação de redes de apoio e cuidado entre escolas, comunidades e grupos da sociedade civil, ampliando as possibilidades de formação de professores, e colocando na ordem do dia a necessidade de ampliar a organização e a luta para garantir o direito e as condições estruturais para a promoção da aprendizagem dos educandos nos tempos atuais, entre elas o acesso às linguagens, tecnologias, metodologias e práticas educativas contemporâneas nas escolas públicas.

Para nós, que estamos no olho do furacão, é muito difícil escrever sobre o momento atual. Reconhecemos que nos encontramos em uma página da história suscetível às transformações reestruturantes do campo da educação, e os sentidos dessa transformação estão sendo disputados. Vivemos um momento histórico marcado pela incorporação definitiva das tecnologias educacionais no exercício da docência, pela consolidação do formato da educação à distância (EAD), por uma pressão social e política de desvalorização da aprendizagem escolar em benefício da educação domiciliar, e pela polarização ideopolítica resultante dos impactos do regime comunicacional contemporâneo na afirmação das identidades e no fortalecimento tanto do movimento de reivindicações históricas por justiça social, quanto do reacionarismo conservador. Como as escolas e nós, educadoras e educadores, podemos nos posicionar nesse contexto social e cultural turbulento e consolidar uma prática docente significativa, em um cenário marcado pela ênfase na comunicação audiovisual?

Nesse artigo, nos propomos a tecer alguns afetos e reflexões sobre a presença e a potência do audiovisual na educação, no esforço de contribuir para dar um sentido regenerador para o movimento histórico em que vivemos. Através dos relatos sobre as experiências da Semente com professoras, educandos e comunidades nos últimos anos, compartilharemos um certo modo de compreender e mobilizar as possibilidades pedagógicas da linguagem audiovisual na Educação Infantil, com o objetivo de qualificar as experiências de sensibilização e aprendizagem, fortalecer as comunidades, incluir territórios e

culturas, e fomentar o protagonismo das crianças no processo de investigar, conhecer e inventar mundos para si. Esse é um texto sobre encontros possíveis e desejáveis para a educação brasileira durante e após a pandemia.

As sementes, as flores, os frutos, as sementes...

Semente Cinematográfica foi o nome que escolhemos em 2014 para demarcar a nossa atuação no campo da educação. Naquela época, nos dedicamos ao trabalho de evidenciar as possibilidades pedagógicas que afloram quando a educação e o cinema se encontram e germinam um no outro. Em relação à concepção tradicional de educação, tal encontro provoca deslocamentos importantes no processo de ensinar e aprender, tanto no que se refere à forma como um determinado saber é acessado, assimilado e elaborado, como também na relação que é estabelecida entre professores e educandos, e entre a escola e a comunidade.

A Semente foi plantada no encontro entre profissionais do cinema e da educação, com experiências diversas ligadas ao trabalho com o audiovisual dentro e fora da escola. Esse encontro foi potencializado por uma sincronia muito feliz: a sistematização de uma pedagogia voltada para a criação cinematográfica nas escolas com ênfase na educação em direitos humanos, realizada pelo projeto *Inventar com a Diferença*¹. Tal proposta, nomeada posteriormente como

¹Para saber mais sobre o Projeto Inventar com a Diferença, conheça os Cadernos do Inventar (MIGLIORIN, 2016). O livro compartilha muitos dispositivos de criação audiovisual para colocar em prática em sala de aula.

Pedagogia do Dispositivo², apresentou uma possibilidade de trabalhar com a linguagem audiovisual na escola a partir de jogos e brincadeiras com os recursos disponíveis, como celulares e *handycams*. Além disso, as práticas com os dispositivos de criação audiovisual estimulam o aprofundamento da relação entre a escola e a comunidade, fomentam o encontro entre as gerações e os saberes nos seus diferentes modos de existência, fundando um território de criação e aprendizagem a partir da motivação dos educandos.

Nos anos posteriores, a Semente incorporou outras referências desse campo que floresceu bastante com o fomento da Rede Kino³. Em 2016 desenvolvemos um projeto piloto na EMEIF José Albino Pimentel, do Quilombo Gurugi-Ipiranga (Conde/PB), chamado Escola Experimental de Cinema (EEC), inspirado na experiência do CINEAD (UFRJ)⁴. Nesse projeto, o que nos moveu foi a ideia de consolidar um lugar de experimentação estética e pedagógica com a linguagem audiovisual dentro da escola. Um lugar que oferecesse as condições estruturais e a sistematização de processos e práticas para impactar a cultura escolar de dentro para fora, contribuindo assim para potencializar e qualificar as experiências de ensinar e aprender. Para tanto, a EEC propunha atividades de formação

²Para saber mais sobre a Pedagogia do Dispositivo, leia o artigo A pedagogia do dispositivo: pistas para criação de imagens (FÓRUM NICARÁGUA, 2021).

³A Rede Kino- Rede Latinoamericana de educação, cinema e audiovisual, reúne pesquisadoras, professoras e projetos em encontros do Fórum da Rede durante a CineOP, a Mostra de Cinema de Ouro Preto.

⁴Escola de Cinema do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ), ligada ao Programa de Extensão Cinema para Aprender e Desaprender (Cinead), onde estudantes do ensino médio e fundamental estabelecem o primeiro contato com o cinema.

de professores, práticas com os educandos, sessões de cineclube, além da consolidação de um espaço físico com *kit* de equipamentos, acervo de filmes e livros.

O projeto da EEC foi realizado com amplo apoio e participação da comunidade, dos educandos, das professoras, da coordenação, da direção da escola e da Secretaria de Educação. Uma parte dos frutos desse trabalho, os filmes realizados⁵, evidenciam os modos pelos quais a educação formal pode ser beneficiada com a implementação da linguagem audiovisual. Consideramos essa a experiência fundante do modo de atuação da Semente nas escolas, uma abordagem que estimula a criatividade dos educandos de forma integrada com a cultura, com o território e com as demandas de aprendizagem na sala de aula. Em outras palavras, consolidamos uma proposta de implementar metodologias ativas com o audiovisual, articuladas ao Projeto Político Pedagógico da escola e atenta às necessidades das professoras e educandos, resultando em experiências de ensinar e aprender potentes e significativas.

Nos anos seguintes, as experiências e amadurecimentos vividos no Quilombo Gurugi-Ipiranga se ramificaram em muitas direções. De um lado, aprofundamos nossa atuação nas duas escolas da comunidade, contemplando educandos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e II. De outro, expandimos nossa atuação no Estado da Paraíba, beneficiando quatro territórios em parceria com seis instituições de ensino

⁵Todos os filmes produzidos nas escolas pela Semente podem ser acessados no nosso canal do Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC-1tVqkm_pszCfcSvOBLzgg>. Acesso em: 9 Ago 2021.

e organizações da sociedade civil. Nesse processo, as Escolas Experimentais passaram a se chamar Escolas Vivas de Cinema, em razão da proliferação de experiências, formatos de atuação e metodologias desenvolvidas em cada contexto⁶.

Contribuímos com propostas articuladas com a educação tradicional, a educação popular, a educação transformadora, a educação patrimonial, a educação socioemocional, a educação socioambiental, a pedagogia de projetos e as práticas de alfabetização e letramento. Assim, com o apoio de uma comunidade de educadoras e educadores, alargamos as nossas bases teórico-metodológicas e possibilidades de contextualização ao dialogar com diferentes perspectivas pedagógicas, e aprendemos a nos conectar com aquilo que move de fato o profissional da educação em suas práticas – o encontro transformador, o afeto, o cuidado e a atenção ao desenvolvimento integral dos educandos, independente da metodologia aplicada.

Nos cursos de formação que realizamos nesse período, constatamos que o imaginário de educadoras e educadores em relação ao audiovisual antes da pandemia estava majoritariamente ligado à indústria cultural e aos processos de produção de filmes caros e complexos. É compreensível que seja assim, em razão do modo como o audiovisual foi desenvolvido e mobilizado historicamente na sociedade. Reconhecemos que esse imaginário é uma das principais forças que obstrui

⁶Esse trabalho foi realizado no projeto Cartografia de Imagens, apoiado pelo Programa Rumos Itaú Cultural 2017-2018. Tanto os filmes quanto o livro do projeto podem ser acessados no nosso site. Disponível em: <<https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/cartografia-de-imagens>>. Acesso em: 9 Ago 2021.

o entendimento das possibilidades pedagógicas dessa linguagem, e conseqüentemente gera uma indisposição para a sua apropriação em sala de aula. Outro aspecto relevante desse problema é a influência, na formação e prática da docência, do que Paulo Freire nomeia como “educação bancária”, ou seja, uma concepção de educação conteudista que organiza práticas de ensino-aprendizagem baseadas na exposição e transmissão do conhecimento do professor para um estudante passivo e ignorante. Um conhecimento “pronto”, retirado do livro didático e imposto sem necessariamente dialogar com o conhecimento prévio nem com a realidade existencial do sujeito aprendente.

Ainda que o audiovisual tenha contribuído historicamente para enriquecer as estratégias tradicionais de aprendizagem enquanto um recurso ilustrativo dos conteúdos, o que os tempos atuais apresentam são outras possibilidades de interação com o mundo mediadas por ferramentas cada vez mais acessíveis para a população, reconfigurando as dinâmicas da sociabilidade humana no âmbito de uma cultura audiovisual globalizada e interdependente. Nesse cenário em que os processos de subjetivação de crianças, jovens e adultos são atravessados pelo audiovisual e seus modos de produção, recepção e compartilhamento de sensibilidades, narrativas e visões de mundo, o campo da educação de modo geral, e a escola de modo específico, podem contribuir decisivamente para a consolidação de uma relação crítica e criativa com as imagens e os sons, fomentando experiências democráticas, colaborativas e comprometidas com o bem viver dos educandos e suas comunidades.

Na nossa trajetória, reconhecemos que a parceria com escolas, organizações e educadoras nos processos de formação e desenvolvimento metodológico foi fundamental para estabelecer um diálogo multidisciplinar, com o objetivo de lidar criativamente com os desafios concretos do chão de cada escola e de cada comunidade, e nutriu um gradual afloramento do que o professor Carlos Rodrigues Brandão nomeia como uma *vocação transformadora da educação*⁷ no modo como nos relacionamos com o mundo através do audiovisual. Nós nos inspiramos na sensibilidade e no pensamento de Brandão quando ele sugere alguns passos no caminho de uma outra educação, dentre os quais a proposta de

[...] re-centrar o processo do ensino-aprendizagem no “acontecer do aprender”, recolocá-lo no interior da vida de equipes e na experiência pedagógica do criar-entre-nós. Transformar a sala de aula e a turma de alunos em uma comunidade aprendente. Uma pequena e viva comunidade centrada no trabalho da pessoa-com-os-outros, e não no esforço egoísta do indivíduo-contra-os-outros, à margem da equipe, da turma, da pequena e ativa comunidade que sabe o que aprende... e que aprende o que constrói. (BRANDÃO, 2019, p.21)

⁷Em uma roda de conversa no lançamento da Semente - Escola de Educação Audiovisual, o professor Brandão identificou e nomeou quatro vocações da educação, a saber: a educação conservadora, a educação liberal, a educação transformadora e a educação emancipatória. O registro do encontro está disponível no nosso podcast Educação Audiovisual na Prática. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oNLwvSa6JA8>>. Acesso em: 9 Ago 2021.

Nesse horizonte, a motivação do educando é fundamental, mas é a relação, a comunicação entre educando, educador, comunidade e natureza que ganha centralidade em uma experiência de aprendizagem multicultural, na qual o ato criativo é um dos fatores constituintes do processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e sócio-emocional, ético e estético dos educandos.

Foi na crise da pandemia que a Semente rebrotou, e passamos a atuar enquanto uma escola digital voltada para a formação de professoras e professores. Acolhemos novos integrantes e buscamos apoio nas professoras, que nos ajudaram a entender como poderíamos contribuir no contexto do ensino remoto e híbrido. Foi assim que assumimos mais diretamente o conceito de “educação audiovisual”, ampliando a nossa abordagem que nasceu com ênfase na relação entre o cinema e a educação. Assim, passamos a dar mais relevo à possibilidade de mobilizar diversos gestos, afetos e vivências no mundo, através da linguagem audiovisual, conectando o complexo corpo-mente-espírito do aprendiz aos seres, saberes, memórias, emoções e objetos do mundo, sem fazer convergir necessariamente para a criação de um filme, mas sim para fomentar uma comunidade de aprendizagem viva e criativa. Nessa trajetória de encontros, germinações e florescimentos, passamos a reconhecer os horizontes teórico-práticos e as dinâmicas que favoreceram nossa caminhada, com o objetivo de consolidar a educação audiovisual no chão e nas telas da escola.

Horizontes, encontros e vinculações

Na nossa abordagem da Educação Audiovisual, reconhecemos que a sua principal potência pedagógica é a possibilidade de promover encontros e conectar mundos: encontros entre escola e território, educandos e comunidade, filhos e avós, natureza e cidade, memória e conhecimento, corpo e sentimento, pontes as mais diversas que se estabelecem por força da singularidade da linguagem audiovisual e da dinâmica de produção de imagens e sons.

Para que as lentes e microfones de uma câmera gravem uma imagem ou um som, é necessário que exista uma intenção humana, uma motivação, um movimento interno visando a criar algo no e com o mundo, tendo como material a vida em si, o real que se manifesta ao nosso redor. Esse aspecto constituinte do processo de produção audiovisual faz aflorar a potência pedagógica de nos deslocar da posição de espectadores passivos para a de sujeitos no mundo, alguém capaz de olhar e de ouvir, de contemplar, de indagar, de conhecer, de pensar, de aprender, de inventar o mundo.

O ato de filmar é também uma exposição do mundo para aquele que filma, e o mundo que se apresenta na imagem pulsa na sua complexidade. Ele ainda não foi organizado em saberes segmentados, rotulados e cristalizados. Daí a natureza transversal da linguagem audiovisual, que possibilita infinitos modos de abordagem e, por isso mesmo, favorece a formação de uma atenção sobre um dado aspecto do real, criando

condições para a leitura crítica da realidade, a articulação de saberes e a elaboração de um olhar, um entendimento, uma sensibilidade, uma narrativa.

Nesse aspecto, nós nos vinculamos ao entendimento de Jan Masschelein e Marteen Simons, quando abordam as “[...] operações radicais do que chamamos de formas pedagógicas e que – sempre artificialmente – permitem que a aprendizagem e a educação aconteçam” (MASSCHELEIN, SIMON, 2017, p.53). Em linhas gerais, os autores afirmam que, ao posicionar o indivíduo enquanto um “estudante”, a escola realiza operações pedagógicas específicas, como a suspensão dos laços familiares, comunitários e estatais pré-existentes, a suspensão da ordem costumeira das coisas, dos seus usos e funções, e estabelece um “tempo livre”, um “catalisador de começos”, em que as diferentes gerações se reúnem e formam uma atenção para o mundo apoiado em um “amor pedagógico”. Nas palavras dos autores,

As formas pedagógicas se referem então, a associações de pessoas e coisas em um arranjo como um modo para lidar com, prestar atenção a, tomar conta de algo- para entrar e ficar em sua companhia - em que este cuidado acarreta estruturalmente em uma exposição, uma vez que é confrontado com alunos ou estudantes. (Ibidem, p. 54)

Ao ser compreendido e mobilizado na escola enquanto uma linguagem com a potência intrínseca de mediar a sociabilidade

humana, o audiovisual, nas suas formas de produção contemporâneas, se integra organicamente no repertório didático-pedagógico de escolas e professoras enquanto uma possibilidade de promover experiências⁸ no mundo e, com isso, expor o mundo à comunidade de aprendizagem para ser problematizado, elaborado e reinventado, constituindo um arranjo pedagógico vivo⁹, vinculado ao real.

Tal é a potência pedagógica da “linguagem criadora” do audiovisual. A de (re)fundar a cultura e a comunidade no próprio processo de vivenciá-la. Para além do “registro”, são muitos os gestos que podem mobilizar o ato de filmar algo. A criança pode revelar algo do seu mundo, pode contemplar aquilo que se apresenta diante dela, pode brincar de colecionar aquilo que encontra com a câmera; ela pode, também, querer saber por que alguma coisa é assim desse jeito, e depois compartilhar o que ficou sabendo. Ao estabelecer uma “distância” artificial entre o sujeito e a realidade, o ato de filmar contribui para promover a suspensão da condição de “estar no mundo” para participar ativamente dele, ou seja, “estar com o mundo”. A esse respeito, aproximamo-nos do pensamento do professor Paulo Freire quando diz que

⁸Em seu artigo *Experiência e alteridade em educação*, Jorge Larrosa (2011) reflete acerca da singularidade da experiência e a relação que se estabelece entre alteridade, subjetividade e saber. Consideramos essa uma contribuição teórica fundamental para pensarmos as possibilidades pedagógicas do audiovisual.

⁹Nesse aspecto, valorizamos as contribuições teóricas de Cezar Migliorin (2014) para pensar os modos como o cinema contribui para instaurar arranjos pedagógicos e criativos na escola. O autor evoca a imagem do mafuá para colocar em jogo o princípio da igualdade das inteligências e competências, que possibilita que estudantes e professores criem juntos e com o mundo.

[...] é como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos” são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora. E é enquanto são capazes de tal operação, que implica em “tomar distância” do mundo, objetivando-o, que homens e mulheres se fazem seres com o mundo. Sem essa objetivação, mediante a qual igualmente se objetivam, estariam reduzidos a um puro estar no mundo, sem conhecimento de si mesmos nem do mundo." (FREIRE, 2001, p.53)

Para além dos limites físicos que demarcam o espaço de uma comunidade, ou dos aspectos culturais que singularizam um grupo social, cultivamos uma certa relação entre a escola e o território educativo que seja fundada nos afetos dos educandos e de toda a comunidade escolar. Em outras palavras, é a partir da escuta daquilo que afeta as crianças e os adultos que promovemos os movimentos de integração entre escola e comunidade, e assim organizamos arranjos pedagógicos provisórios e percursos criativos que vinculem a aprendizagem escolar nas necessidades existenciais dos educandos, seja no formato presencial ou remoto, nas modalidades disciplinar, inter ou transdisciplinar.

Pelo exposto, reconhecemos que o modo como compreendemos a Educação Audiovisual se distancia de uma

abordagem que dê ênfase ao ensino da arte cinematográfica de forma apartada dos demais aspectos do currículo escolar. Pelo contrário, embora incorpore os processos criativos com o audiovisual, as práticas que desenvolvemos no chão da escola se alinham direta e/ou transversalmente com os principais documentos normativos da educação infantil como, por exemplo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No caso das DCNEI, por exemplo, as vivências no território a partir dos dispositivos de criação audiovisual articulam-se com os dois eixos estruturantes do currículo propostos pelo documento – a interação e a brincadeira – e contemplam diversas experiências para além do contato com o cinema e da utilização dos dispositivos tecnológicos, tais como a promoção de “vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade”; o incentivo da “curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”; e configuração e práticas que “propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras” (BRASIL, 2010, p. 25-27).

Já no caso da BNCC, as metodologias ativas com o audiovisual se alinham ao entendimento de que a criança é uma protagonista que não apenas interage, mas também cria e modifica a cultura e a sociedade em que vive. Ao implicar as crianças em experiências que mobilizam o contato consigo, com

o outro e com o mundo, as práticas de ver e fazer imagens e sons podem atravessar todas as competências gerais, bem como consolidar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, e favorecer a mediação de atividades ligadas aos campos de experiências organizados pela Base.

Experiências no chão da escola e da comunidade

Faremos uma breve exposição de algumas práticas de Educação Audiovisual desenvolvidas pela Semente na EMEIF José Albino Pimentel que ajudam a ampliar o entendimento de como trabalhar com o audiovisual na Educação Infantil. Compartilharemos duas experiências que apresentam perspectivas e possibilidades práticas que podem contribuir com as educadoras e educadores da primeira infância motivados a implementar o audiovisual em suas práticas pedagógicas.

No curso das experiências da Escola Experimental de Cinema da José Albino em 2017, acompanhamos duas turmas de crianças, uma da professora Janaína da Costa e outra da professora Verônica Martins. Acompanhamos 18 crianças numa turma e 15 na outra, no período de um ano letivo. As atividades dos ateliês de criação audiovisual foram realizadas no espaço da EEC, uma sala de aula adaptada exclusivamente para realização do projeto. A base metodológica dos ateliês articulava o cineclube escolar e a pedagogia do dispositivo, presentes em todas as etapas dos ateliês realizados com as crianças em parceria com as professoras. Todos os encontros

começavam e terminavam com uma roda de conversa que servia para introduzir a programação do encontro, os acordos da turma, os valores de convivência em grupo, a conversa sobre os filmes exibidos e as definições dos dispositivos a serem realizados. Os ateliês foram organizados em três etapas: 1) iniciação/sensibilização ao cinema; 2) estruturação do percurso criativo-pedagógico; e 3) realização dos filmes.

Na primeira etapa, reunimos práticas de sensibilização à linguagem, levando em consideração as interações e brincadeiras como forma de estimular a motivação e o engajamento das crianças. Antes das crianças pegarem na câmera, propomos experiências lúdicas com os brinquedos ópticos, para vivenciarem como as imagens são construídas e como o movimento acontece. A partir disso, outros dispositivos introdutórios foram apresentando para elas noções de enquadramento e aspectos formais constituintes de uma imagem, como luz e sombra, escala de planos, figura e fundo, cores e texturas. O dispositivo *Cores e texturas*, por exemplo, evidencia como a prática de sensibilização pode introduzir questões mais profundas para a turma, de modo transversal e lúdico. De acordo com as regras dessa brincadeira, cada criança deve observar atentamente seus amigos e, com a câmera na mão, filmar o detalhe que mais lhe interessar, bem de perto (mãos, pés, olhos e cabelos). Assim, produzimos um inventário de cores e texturas delas mesmas. Esse tipo de prática dentro de uma comunidade quilombola, como é o caso das crianças desta escola, favorece que as crianças explorem a percepção dos diferentes tipos de pele, cor e marcas do corpo. Dessa

forma, elas podem vivenciar o respeito e o acolhimento às diferenças, além de se relacionarem com a diversidade de uma forma prática, direta.

Em todo processo dos ateliês, e para além deles, as práticas cineclubistas estiveram presentes. Com elas, é possível ampliar o repertório audiovisual das crianças, fomentar o diálogo e o trabalho em grupo, e promover o contato com diferentes sensibilidades e visões de mundo. O cineclube possibilita que a escola reorganize seus tempos, espaços e relações constituídas, revigorando os afetos e ampliando as estratégias para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais dos educandos. Além disso, o cineclube escolar, enquanto uma prática inclusiva e democrática, pode abrir as telas da existência da/para a própria comunidade escolar, acolhendo as produções audiovisuais – orientadas ou espontâneas – dos educandos, tanto na escola como no território, ou no seu ambiente doméstico.

No desenvolvimento de uma atividade cineclubista, por exemplo, é possível aproximar os filmes exibidos das experiências cotidianas das crianças, como uma forma de elas se conectarem com seu contexto, com o mundo à sua volta. Foi assim que, entre tantas sessões cineclubistas realizadas com as crianças, exibimos o filme *Disque Quilombola* (2012). Além de apresentar a realidade social de crianças negras do Espírito Santo, muito próxima das crianças da Escola José Albino, o filme nos serviu como um dispositivo para realizar o mapeamento do território educativo do Gurugi-Ipiranga. A partir desse mapeamento, nós conhecemos e pudemos nos aproximar da

motivação das crianças, que, por sua vez, foram encorajadas a realizarem práticas dentro e fora da escola.

Na etapa do trabalho em que vivenciamos a comunidade, passamos a utilizar dispositivos que favorecem a investigação, a relação das crianças com as pessoas e os lugares da comunidade. Esse é um aspecto importante da metodologia da Semente, na medida em que as práticas realizadas fora da escola ajudam a definir um percurso, um trajeto que crianças percorrem na sua própria cultura, e nesse movimento elas também valorizam as pessoas da comunidade, sobretudo os ancestrais, o que possibilita o acesso aos saberes e memórias guardadas por essas pessoas. Esses saberes voltam para a escola através das imagens e dos sons, são partilhadas para todos no cineclube, e absorvidas em sala de aulas nas outras atividades das professoras.

Um dos dispositivos que facilita o acesso às pessoas e às suas memórias é o da *Fotografia narrada*, que consiste em filmar alguém narrando uma fotografia que lhe é cara. É uma forma muito simples e potente de se aproximar das pessoas, de descobrir um pouco mais sobre sua vida. Uma variação desse dispositivo é a *História dos objetos*, que tem também o mesmo princípio do dispositivo anterior, mas o objetivo é filmar alguém narrando a relação afetiva com algum objeto. Através desses dispositivos, as crianças da José Albino se organizaram para conhecer dois temas que surgiram no mapeamento realizado por elas na sessão de cineclube: as brincadeiras antigas do quilombo e as artesãs da comunidade.

A investigação sobre as brincadeiras antigas foi o motivo que

levou o grupo de crianças a se relacionarem com Dona Teca, uma antiga moradora da comunidade, guardiã das brincadeiras antigas. As crianças foram recebidas na casa da moradora, realizaram a *Fotografia narrada*, trocaram referências, filmaram. Fizeram um mapeamento das brincadeiras antigas, brincando. O próprio brincar virou um dispositivo novo, nascido ali na hora. Elas também compartilharam com Dona Teca as brincadeiras atuais. Tal experiência resultou no filme *O grilo, o morto vivo e o jacaré* (2018).

Já o grupo da professora Verônica trabalhou com o dispositivo *História dos objetos* com as mulheres do grupo Mães de Barro, um grupo de artesãs da comunidade. Dentro da sede, todas sentadas em roda, partilharam com as crianças o ofício de artesãs, contado a partir de um objeto escolhido pelas mulheres. As crianças, por sua vez, vivenciaram neste dia uma experiência direta com o barro e criaram objetos que, posteriormente, foram narrados por elas. O resultado dessa experiência pode ser vista no filme *Coração de barro* (2018).

Nesses percursos criativo-pedagógicos, o saber, as práticas e as histórias contadas por Dona Teca e pelas artesãs passaram a integrar o imaginário das crianças, ampliando seu repertório e incluindo referências positivas vinculadas à sua cultura, o que contribuiu para o desenvolvimento da autoestima e o reconhecimento da sua identidade quilombola.

Movimentos e transformações...

Como todo movimento histórico, as mudanças e transformações afloram sem pedir licença, e o tempo presente

revela o vetor resultante de uma complexidade de fatores, acúmulos, derivações, acasos, saltos, combinações, sínteses, rupturas, resgates e invenções que nos fizeram chegar onde chegamos. Embora seja impossível ter clareza, neste momento, sobre como será a educação brasileira pós-pandemia, podemos esboçar algumas perspectivas ao observar os movimentos que já existiam e atuavam na sociedade nos últimos anos.

Em linhas gerais, reconhecemos dois velhos conhecidos nossos, movimentos aparentemente antagônicos que ganharam contornos mais explícitos com a intensificação do processo de transformação digital na educação nos últimos meses. Um movimento flui na direção da individualização da aprendizagem através do ensino à distância (EAD) e da educação domiciliar. Nessa perspectiva, a educação, no seu sentido mais amplo e complexo, cede espaço para um processo de aprendizagem técnica e conteudista, favorecendo uma concepção tecnicista ligada à formação de quadros para o mercado de trabalho. O outro movimento se dedica a recompor o sentido de comunidade, se esforça para incluir os desfavorecidos e para fortalecer os vínculos afetivos entre professoras, educandos e suas famílias, com o intuito de promover aprendizagens contextualizadas e significativas.

Entre esses movimentos, as vocações da educação, como sintetizada por Brandão, encontram o seu lugar. Diante de um cenário marcado pela formação de bolhas informacionais e ideológicas e pela insurgência de riscos concretos para a democracia brasileira, nós afirmamos um modo de educar, com a linguagem audiovisual, que crie condições para furar

essas bolhas e reestabelecer pontes para o diálogo, apontando caminhos benéficos para a sociedade e o planeta, com o apoio das novas gerações.

As crises contemporâneas – sanitária, ambiental, econômica, política, social e cultural – evidenciam a saturação de um projeto civilizatório, marcadamente colonial, materialista e intolerante com as diferenças. Um projeto que consolidou as bases tecnológicas para um salto sem precedentes, no que se refere à velocidade das transformações sociais. Acreditamos que nós, educadoras e educadores, temos condições de contribuir para que tais transformações sejam favoráveis para o maior número de pessoas e povos. Podemos, assim, mobilizar a tecnologia digital e a linguagem audiovisual para consolidar uma proposta de educação intercultural, que resgate os saberes ancestrais ligados ao cuidado da Terra e aos vínculos comunitários, orientando, a partir dessa base, um novo ciclo na nossa história, voltado para a regeneração dos nossos laços afetivos com o outro e com o mundo.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Alguns passos no caminho de uma outra educação. In: BASSI, Flávio; FRANZIM, Raquel; LOVATO, Antônio Sagrado; (Orgs.) **Criatividade – Mudar a educação, transformar o mundo**. São Paulo: Ashoka / Instituto Alana, 2019. p. 18-27

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

FÓRUM NICARÁGUA. A pedagogia do dispositivo: pistas para criação de imagens. In: LEITA, Cesar; OMELCZUK, Fernanda; e REZENDE, Luiz Augusto (Orgs). **Cinema-Educação: políticas e poéticas**. 1. ed. Macaé: Editora NUPEM, 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, jul./dez. 2011. p. 04-27

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica. In. LARROSA, Jorge (Org.) **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 41-63

MIGLIORIN, Cezar. et al. **Cadernos do Inventar**: cinema, educação e direitos humanos. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. Deixem essas crianças em paz: o mafuá e o cinema na escola. In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014. p. 152-162

